



## ESTADOS UNIDOS

Em discurso para almirantes e generais, o secretário de Guerra, Pete Hegseth, ataca “lixo ideológico tóxico” e exige o “mais alto padrão masculino” nas forças de combate. Trump adverte militares e sugere usar cidades como campos de treinamento

# Do “inimigo interno” ao fim da diversidade

» RODRIGO CRAVEIRO

O encontro incomum do secretário de Guerra dos Estados Unidos, Pete Hegseth, com centenas de generais e almirantes das Forças Armadas, foi marcado por declarações consideradas atípicas e carregadas de preconceito. Também contou com a participação, não menos surpreendente, do presidente Donald Trump. “Este governo fez muito desde o primeiro dia para remover a justiça social, o politicamente correto e o lixo ideológico tóxico que infectou nosso departamento (Pentágono). (...) Chega de adoração às mudanças climáticas, chega de divisão, de distração ou de ilusões de gênero. Chega de entulho”, disse Hegseth. “Como já disse antes e repito, chega dessa m... Eu assumi como missão erradicar as distrações óbvias que nos tornaram menos capazes e menos letais”, acrescentou, em Quantico, no estado da Virgínia.

De acordo com ele, os militares americanos foram forçados por “políticos tolos e imprudentes” a se concentrarem nas “coisas erradas”. “Nos tornamos o ‘Departamento Woke’. Não mais!”, avisou Hegseth, ao citar o termo usado para designar ideologias associadas pelos conservadores às políticas liberais ou de esquerda, como a igualdade racial e social, o feminismo e o movimento LGBTQIAPN+.

O chefe do Departamento de Guerra avisou que as Forças Armadas retornarão ao “mais alto padrão masculino”. “Porque este trabalho é de vida ou morte. Os padrões devem ser cumpridos. Não apenas cumpridos. Em todos os níveis, devemos buscar superar padrões, desafiar limites e competir. Isso deve estar em nosso DNA”, disse Hegseth. “Quero deixar bem claro: não se trata de impedir as mulheres de servir. Nossas oficiais são as melhores do mundo, mas quando se trata de um trabalho que exige força física para entrar em combate, esses padrões devem ser neutros — e elevados. Se as mulheres conseguirem, ótimo.”

Ainda ao mencionar o “alto padrão masculino”, o secretário fez críticas à forma física dos soldados e oficiais. “Francamente, é cansativo olhar para formações de combate, ou qualquer formação, e ver soldados gordos. Da mesma forma, é completamente inaceitável ver generais e almirantes gordos nos corredores do Pentágono e liderando comandos pelo país e pelo mundo. É uma visão ruim. É ruim, e não é quem somos”, disparou.

## Guarda Nacional

Em seu pronunciamento, Trump instou a cúpula militar a “vigiar o inimigo interno”. Ele defendeu que as Forças Armadas utilizem cidades do país como “campos de treinamento” e considerou a mobilização da Guarda Nacional como “uma das tarefas mais importantes para algumas pessoas nesta sala”. “Isso também é uma guerra: é uma guerra interna”, avisou o republicano.

“Estamos sob invasão interna. Não é diferente de um inimigo estrangeiro, mas é mais difícil em muitos aspectos, eles não

Jim Watson/AFP



Oficiais assistem ao discurso de Donald Trump, na Base do Corpo de Fuzileiros Navais de Quantico, no estado da Virgínia

Andrew Harnik/AFP



**Militares foram forçados por políticos tolos e imprudentes a se concentrarem nas coisas erradas. Nos tornamos o ‘Departamento Woke’. Não mais!”**

**Pete Hegseth,**  
secretário de Guerra

usam uniformes. (...) Eu disse a Pete que deveríamos usar algumas dessas cidades perigosas como campos de treinamento para nosso exército”, acrescentou, ao aludir a San Francisco, Chicago, Nova York, Los Angeles, Washington e Portland.

No discurso, Trump disse que será um “insulto” se ele não ganhar o Prêmio Nobel da Paz por supostamente ter solucionado oito guerras em oito meses. “Você receberá o Prêmio Nobel?”, perguntou a si mesmo, e então respondeu: “De jeito nenhum. Eles o darão a um sujeito que não fez absolutamente nada”. Não receber essa distinção

“seria um grande insulto para o nosso país”, acrescentou Trump. “Não o quero para mim, o quero para o país.” A honraria, oferecida pelo Comitê Nobel Norueguês a quem contribui com a paz, tornou-se uma obsessão para o titular da Casa Branca.

Richard K. Betts, professor do Instituto Saltzman de Estudos de Guerra e Paz da Universidade de Columbia, criticou Trump e Hegseth. “Ambos são reacionários fanáticos que pretendem que as Forças Armadas dos EUA adotem seus valores de direita e se frustram com o fato de os militares serem profissionais e não se identificarem

politicamente com eles”, declarou ao **Correio**, por e-mail. Segundo Betts, a maioria dos oficiais tentará evitar qualquer pressão para agir sob motivações políticas. “Se eles forem demitidos e substituídos por fervorosos apoiadores de Trump, haverá uma crise nas relações civis-militares”, alertou.

O estúdio afirma que o pedido de Trump para “vigiar o inimigo interno” é o mais alarmante. “Isso sugere politizar as Forças Armadas e transformá-las em instrumento de política. Até então, o ethos das Forças Armadas tem sido o de ser absolutamente apartidário”, concluiu Betts.

## Prazo de quatro dias ao Hamas

O movimento islamita palestino Hamas tem até sábado para anunciar se aceita ou não o plano de paz de 20 pontos anunciado pelos Estados Unidos. O ultimato foi feito pelo presidente Donald Trump. “Vamos fazer isso por uns três ou quatro dias. Vamos ver como será. (...) Estamos apenas aguardando o Hamas, e o Hamas vai fazer isso ou não, e, se não fizer, será um fim muito triste”, ameaçou, ontem, o americano. A proposta, respaldada por Israel e por países árabes e elogiada pela Autoridade Palestina, contempla a desmilitarização da Faixa de Gaza, a deposição de armas por parte do Hamas, a anistia a militantes que aceitarem a coexistência pacífica com Israel, a ausência da facção nos processos decisórios do território palestino, a supervisão por um “comitê de paz” liderado por Trump e a presença de forças estrangeiras.

Para Alon Ben-Meir, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York e especialista em Oriente Médio, o plano é “certamente viável”, mas será “extremamente difícil de ser implementado”. “Acredito firmemente, no entanto, que o Hamas pode muito bem se dar conta de que a resistência violenta contínua não terá sucesso. Não teve sucesso no passado e não terá sucesso agora. Eles têm a oportunidade de capitalizar a atenção mundial em apoio a uma solução baseada em dois Estados. Se aceitar o plano de paz de Trump, o Hamas vai declarar-se vitorioso”, disse ao **Correio**.

## Anistia

Ben-Meir lembrou que o Hamas sugeriu estar preparado para entregar o controle civil de Gaza, desde que mantenha os armamentos. “Ante o fato de Trump ter afirmado que, se o Hamas não aceitar o novo plano, os EUA apoiarão Israel para acabar com o grupo, acho que isso pode levar a facção a pensar a aceitar uma pausa. Outro ponto a ser mencionado é que a proposta oferece a todos os combatentes do grupo a chance de serem desarmados e perdoados por suas atividades passadas, além da oportunidade de deixarem o território de sua escolha”, acrescentou.

Diretor da Rede de Informação Política do Oriente Médio (Mepin), Eric R. Mandel admitiu ao **Correio** que o desafio está no fato de o desarmamento do Hamas, da Jihad Islâmica e de grupos palestinos dificilmente ser voluntário. “Se os países árabes e muçulmanos não exercerem pressão suficiente para persuadi-los a deixar Gaza pacificamente, o ônus recairá sobre Israel, pois nenhuma força internacional ou regional demonstrou determinação para confrontar os militantes”, advertiu Mandel. (RC)

## PORTUGAL



Para entrar em vigor, texto precisa da sanção do presidente Marcelo Rebelo de Sousa

Alexi J. Rosenfeld/Getty Images/AFP

## Parlamento aprova nova Lei de Estrangeiros

O Chega! foi vital para a aprovação da nova “Lei de Estrangeiros”, depois de um debate em que normalizou a remigração — deportação em massa de imigrantes — e saiu em defesa da “família portuguesa”. Com o apoio do partido de extrema direita, a Assembleia da República (parlamento) sacramentou o endurecimento da política migratória, ao avalizar a legislação por 160 votos a favor e 70 contra. O jornal *Diário de Notícias*, de Lisboa, informou que o novo texto limita a concessão de vistos de trabalho e os restringe a profissionais “com elevadas qualificações”, além de dificultar o direito ao reagrupamento familiar. Em julho passado, os deputados portugueses aprovaram a versão anterior, mas ela acabou barrada pelo Executivo, depois de ser

declarada inconstitucional pela Suprema Corte de Portugal. Agora, a nova legislação depende apenas da sanção do presidente Marcelo Rebelo de Sousa, que acenou positivamente ao texto.

A principal novidade da lei aprovada ontem é a redução de dois anos para um ano do prazo para um imigrante solicitar a vinda do cônjuge — para tanto, ele precisa apresentar uma prova de coabitação de pelo menos um ano no país de origem. O reagrupamento pode ser imediato, no entanto, se o casal tiver filhos menores de idade ou declarados incapazes. Mineira criada em Goiânia, Sônia Gomes hoje dirige a Associação de Apoio a Emigrantes, Imigrantes e Famílias (AAEIF), em Lisboa, onde vive desde 2017. Ela classifica a nova versão

como uma “vitória”. “A legislação encurtou o tempo à espera do reconhecimento da convivência familiar. Vamos aguardar as regulamentações e como tudo isso será colocado em prática”, disse ao **Correio**.

“Vejo a nova lei com bons olhos. Se não fosse a nossa luta, teria sido bem pior. Essa diminuição do tempo para o reagrupamento familiar evita a separação tão prolongada que eles queriam impor, especialmente para quem tem filhos pequenos”, acrescentou Gomes. A diretora da AAEIF espera que o governo português seja justo na condução da lei. “Estaremos observando cada detalhe, com a Constituição em mãos. Precisamos entender e dar esse voto de confiança às autoridades.” (Rodrigo Craveiro)